

COSTA SILVA, C. S.; KNACK, C. A inversibilidade de protagonistas da enunciação na abordagem de textos na Universidade. *ReVEL*, v. 21, n. 40, 2023. [www.revel.inf.br].

A INVERSIBILIDADE DE PROTAGONISTAS DA ENUNCIÇÃO NA ABORDAGEM DE TEXTOS NA UNIVERSIDADE

*The reversibility of the protagonists of the enunciation in the approach to texts at
the university level*

Carmem Luci da Costa Silva¹

Carolina Knack²

clcostasilva@hotmail.com

carolinaknack@gmail.com

RESUMO: Este artigo procura, a partir das reflexões de Émile Benveniste sobre *inversibilidade, condição de diálogo, reciprocidade, polaridade* – expressões vinculadas ao *fundamento da intersubjetividade*, indissociável da língua em emprego –, responder à seguinte questão: *de que modo a inversibilidade enunciativa apresenta-se como condição de mudanças de posição na linguagem de discentes no contexto de ensino-aprendizagem de leitura e escrita na Universidade?* Para responder à questão, o artigo aborda, teoricamente, como Benveniste trata da inversibilidade e da condição de diálogo no emprego da língua para depois propor, metodologicamente, o deslocamento do princípio teórico da intersubjetividade para o princípio metodológico da inversibilidade na abordagem de textos na Universidade.

PALAVRAS-CHAVE: Intersubjetividade; inversibilidade enunciativa; condição de diálogo; enunciação.

ABSTRACT: This article is based on Émile Benveniste's reflections on reversibility, condition of dialogue, reciprocity, and polarity – expressions associated with the foundation of intersubjectivity, inseparable from the language in use. It seeks to answer the following question: how does the

¹ Doutora em Estudos da Linguagem pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Professora do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas (DECLAVE) do Instituto de Letras e do Programa de Pós-Graduação em Letras da UFRGS.

² Doutora em Estudos da Linguagem pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Professora do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas (DECLAVE) do Instituto de Letras da UFRGS.

enunciative reversibility present as a condition for changes of position in the language of students learning how to read and write at the university level? To answer the question, the article theoretically addresses how Benveniste approaches reversibility and the condition of dialogue in the use of language and then methodologically proposes the shift from the theoretical principle of intersubjectivity to the methodological principle of reversibility in the approach to texts at the university level.

KEYWORDS: Intersubjectivity; enunciative reversibility; condition of dialogue; enunciation.

INTRODUÇÃO

Muitos são os estudos sobre ensino-aprendizagem de língua materna na Universidade, especialmente com foco na escrita, dado o valor social que recobre essa prática de uso da língua. Aspectos linguísticos, textuais, enunciativos, discursivos, pragmáticos da escrita – apenas para citar alguns – têm sido explorados sob diferentes visadas, resultando em uma profícua reflexão teórica, metodológica, analítica e, também, pedagógica. As inúmeras produções acadêmicas e obras de referência com caráter didático testemunham a efervescência dessa discussão.

Diante desse cenário, consideramos pertinente explorar como tais reflexões se entrelaçam no contexto de disciplinas que, na Universidade, abordam textos para produzir uma prática de ensino-aprendizagem de escrita, que, em nosso ponto de vista, não se dissocia de uma prática de ensino-aprendizagem de leitura. Interessamos pensar de que maneira essa práxis, calcada em princípios teórico-metodológicos, produz efeitos na relação que os participantes desse espaço institucional – tanto docentes quanto discentes – estabelecem com a língua, uns com os outros e, conseqüentemente, como se constituem como sujeitos.

Os efeitos dos quais falamos pressupõem mudanças nos modos como cada um desses participantes se situa na e pela linguagem e nela assume uma “posição”. Essas mudanças, segundo entendemos, estão ancoradas em uma propriedade: a da inversibilidade enunciativa.

As noções de “inversibilidade” e de “posição na linguagem” advêm dos estudos do linguista Émile Benveniste, teórico ao qual nos vinculamos epistemologicamente. Segundo o autor, empregamos a língua e enunciamos “eu” em vista de um “tu”. Esse “tu” – parceiro de alocação que pode ser “real, imaginado, individual, coletivo” (Benveniste 2006: 87) – é definido pela possibilidade de inverter-se em “eu” e este tornar-se um “tu”. Tal é a inversibilidade enunciativa, por meio da qual “eu” e “tu”

são alternadamente protagonistas da enunciação. Para além de meros índices formais, os referidos pronomes evocam uma posição na linguagem.

Essas considerações teóricas ecoam no contexto da sala de aula e nos levam a formular a seguinte questão, a que buscamos responder neste trabalho: *de que modo a inversibilidade enunciativa apresenta-se como condição de mudanças de posição na linguagem de discentes no contexto de ensino-aprendizagem de leitura e escrita na Universidade?*

Como se sabe, Benveniste não aborda quaisquer aspectos relativos à ensino-aprendizagem de língua, de leitura e de escrita; ainda assim, encontramos em seus estudos conceitos e reflexões que podem ser *deslocados* para os nossos propósitos³. Trata-se não da “[...] *aplicação* de noções teóricas para a descrição de um fenômeno, mas sim [d]a *produção de um novo saber teórico e/ou metodológico* para explicar um fenômeno” (Knack 2020: 148, grifos da autora).

Essa contextualização se justifica na medida em que assumimos os pressupostos benvenistianos como base a partir da qual formulamos reflexões deslocadas para a nossa problemática neste artigo.

Assim, para respondermos à questão que propusemos, estruturamos o texto em quatro seções: esta introdução; em seguida, uma seção teórica, com reflexão sobre a noção de inversibilidade enunciativa a partir de Benveniste; após, uma seção de deslocamentos, com reflexões sobre a operacionalização da inversibilidade enunciativa na abordagem de textos em situações de ensino-aprendizagem de leitura e escrita na Universidade; e, por fim, a conclusão.

1. A INVERSIBILIDADE DE PROTAGONISTAS DA ENUNCIÇÃO: A CONDIÇÃO DE DIÁLOGO NO EMPREGO DA LÍNGUA

A inversibilidade enunciativa como característica definidora da categoria da pessoa está vinculada, conforme Benveniste (2005), à condição de diálogo. Essa “condição de diálogo” está fortemente relacionada ao eixo enunciativo da reflexão do autor, pois os protagonistas da enunciação invertem de posição para dialogarem

³ A leitura e a escrita, sob a ótica benvenistiana, podem ser compreendidas como atos de enunciação. Essas acepções serão desenvolvidas na seção 2 deste texto.

sobre algo. Com efeito, o diálogo, para o linguista, é a própria condição da linguagem humana: “Falamos com outros que falam, essa é a realidade humana.” (Benveniste 2005: 65).

Para tratarmos dessa realidade humana de emprego da língua e de sua condição de diálogo, selecionamos um conjunto de textos de Benveniste: três artigos integrantes da quinta parte de “Problemas de Linguística Geral I (2005): “Estrutura das relações de pessoa no verbo”, originalmente publicado em 1946; “A natureza dos pronomes”, em 1956; e “Da subjetividade na linguagem”, em 1958; e a um artigo da segunda parte de “Problemas de Linguística Geral II” (2006): “O aparelho formal da enunciação”, originalmente publicado em 1970.

Propomos, a partir desses textos, um percurso de leitura que explora a noção de *inversibilidade* enunciativa e demais termos e noções a ela vinculados.

É no artigo “Estrutura das relações de pessoa no verbo” que encontramos os primeiros elementos para pensarmos tal noção. Nesse texto, Benveniste propõe reexaminar a tradicional categoria de pessoa, herdada da gramática grega, para compreender como e por quais princípios as pessoas se opõem. Para tanto, o linguista recorre primeiramente aos árabes, cuja nomenclatura gramatical indica que a primeira pessoa é “aquele que fala”, a segunda, “aquele a quem nos dirigimos” e a terceira, “aquele que está ausente” (Benveniste 2005: 250). Ao concluir que as duas primeiras implicam uma pessoa e um discurso sobre ela e, na terceira, o elemento pessoal falta, o linguista define as categorias de pessoa (“eu” e “tu”) e não pessoa (“ele”), pontuando suas especificidades. De acordo com Benveniste (2005: 253, *itálico e aspas do autor, negrito nosso*):

De fato, uma característica das pessoas “eu” e “tu” é a sua *unicidade* específica: o “eu” que enuncia, o “tu” ao qual “eu” se dirige são cada vez únicos. “Ele”, porém, pode ser uma infinidade de sujeitos – ou nenhum. [...] Uma segunda **característica** consiste em que **“eu” e “tu” são inversíveis: o que “eu” define como “tu” se pensa e pode inverter-se em “eu”, e “eu” se torna um “tu”**. Nenhuma relação paralela é possível entre uma dessas pessoas e “ele”, uma vez que “ele” em si não designa especificamente nada nem ninguém.

A possibilidade de “eu” e “tu” serem “inversíveis” gera a noção de *inversibilidade* que, junto à *unicidade*, é característica definidora da categoria de pessoa. Embora compareçam as palavras “inversíveis” e “inverter”, o termo

inversibilidade não está presente nesse artigo e nos outros textos benvenistianos que examinamos. No entanto, consideramos que a noção de *inversibilidade* neles comparece, de diferentes modos, articulada a outros termos e noções.

Em “Da subjetividade na linguagem”, por exemplo, Benveniste (2005) reitera que “eu” apenas emprega *eu* ao dirigir-se a alguém, que assume o lugar de *tu* na alocação e que, por sua vez, designa-se como *eu*. Porém, neste texto, a *inversibilidade* assume outros contornos: de *característica* da categoria de pessoa passa a *condição de diálogo* constitutiva de sua instauração, *condição* esta que pressupõe *reciprocidade* e que se configura como um *princípio na/da linguagem*. Essa reflexão está presente na citação a seguir de Benveniste (2005: 286, itálico do autor, negrito nosso):

Eu não emprego *eu* a não ser dirigindo-me a alguém, que será na minha alocação um *tu*. Essa **condição de diálogo** é que é constitutiva da *pessoa*, pois implica em **reciprocidade** – que eu me torne *tu* na alocação daquele que por sua vez se designa por *eu*. **Vemos aí um princípio cujas consequências é preciso desenvolver em todas as direções.**

Ainda em “Da subjetividade da linguagem”, Benveniste (2005: 286, grifo nosso) acrescenta: “A **polaridade** das pessoas é **na linguagem a condição fundamental**, cujo processo de comunicação, de que partimos, é apenas uma consequência totalmente pragmática”. A ideia de *condição fundamental* está, sem dúvida, ligada à noção primeira de *inversibilidade*, pois Benveniste explica que “eu” e “tu” são termos complementares e “ao mesmo tempo são **reversíveis**” (Benveniste 2005: 286-287, grifo nosso).

Desse modo, *inversibilidade*, *condição de diálogo*, *reciprocidade*, *polaridade* são termos que, ao darem forma a um *princípio*, parecem estar reunidos sob outro termo: *intersubjetividade*. É ao final do artigo que Benveniste (2005: 293, itálico do autor, negrito nosso) sintetiza que muitas noções “aparecerão sob uma luz diferente se as restabelecermos no quadro do discurso, que é a língua enquanto assumida pelo homem que fala, e sob a **condição de intersubjetividade**, única que torna possível a comunicação linguística”.

A intersubjetividade, como princípio na/da linguagem, fundamenta a constatação de que “Não atingimos jamais o homem reduzido a si mesmo e

procurando conceber a existência do outro. É um homem falando que encontramos no mundo, um homem falando com outro homem, e a linguagem ensina a própria definição de homem.” (Benveniste 2005: 285).

O princípio da intersubjetividade é, assim, condição da experiência humana da inscrição na linguagem, pois nos constituímos como *eu* em vista de um *tu*. Esse postulado remete à reflexão produzida por Benveniste anos mais tarde, em “O aparelho formal da enunciação”, texto em que define que “Toda enunciação é, explícita ou implicitamente, uma alocação, ela postula um alocutário” (Benveniste 2006: 84).

Ao tratar, nesse texto, da relação constitutiva entre *eu* e *tu*, Benveniste (2006: 84) adiciona a essa relação a “necessidade de referir pelo discurso”, de acordo com a passagem a seguir:

A condição mesma dessa mobilização e dessa apropriação da língua é, para o locutor, a necessidade de referir pelo discurso, e, para o outro, a possibilidade de co-referir identicamente, no consenso pragmático que faz de cada locutor um co-locutor. A referência é parte integrante da enunciação.

Essas considerações nos conduzem à reflexão de que *eu* e *tu* estão para além de meros pronomes pessoais: trata-se de uma “categoria da linguagem” que envolve “posição na linguagem”.

Em “A natureza dos pronomes”, Benveniste (2005), ao explorar o funcionamento das formas pronominais conforme o “modo de linguagem” do qual participam, ou da sintaxe da língua ou das instâncias de discurso – estas consideradas como “os atos discretos e cada vez únicos pelos quais a língua é atualizada em palavra por um locutor” (Benveniste 2005:277) –, define *eu* como o “indivíduo que enuncia a presente instância de discurso que contém a instância linguística *eu*” e, introduzindo a situação de “alocação”, define *tu* como “indivíduo alocutado na presente instância de discurso contendo a instância linguística *tu*.” (Benveniste 2005: 279).

A isso, acrescenta: “Essas definições visam *eu* e *tu* como uma **categoria da linguagem** e se relacionam com a sua **posição na linguagem**.” (Benveniste 2005:

279, grifos nossos). As posições de locutor e alocutário não são puras formas: envolvem a instanciação de uma *posição na linguagem*.

É no quadro figurativo da enunciação que essas posições ganham relevo, pois “duas figuras na posição de parceiros são alternativamente protagonistas da enunciação. Este quadro é dado necessariamente com a definição de enunciação.” (Benveniste 2006: 87).

Dentre as acepções que Benveniste formula para a enunciação, destacamos a noção de ato de realização individual que se define, em relação à língua, como um processo de apropriação por meio do qual o locutor declara sua posição como tal e “implanta o outro diante de si, qualquer que seja o grau de presença que ele atribua a este *outro*” (Benveniste 2006: 84, grifo do autor). De fato, no mesmo artigo, Benveniste (2006: 87, grifos do autor) ressalta: “O que em geral caracteriza a enunciação é a *acentuação da relação discursiva com o parceiro*, seja este real ou imaginado, individual ou coletivo”. A “estrutura do diálogo” está, pois, pressuposta na concepção mesma de enunciação e se fundamenta no princípio antes já abordado: o da intersubjetividade.

Consideramos que o princípio da intersubjetividade pressupõe a inversibilidade enunciativa entre os protagonistas da enunciação e traduz uma realidade humana fundamental para ocuparmos uma posição na linguagem. Assim, julgamos necessário adotar esse princípio teórico na abordagem de textos em situação de ensino-aprendizagem de leitura e escrita na Universidade, questão de que trataremos na próxima seção.

2. INTERSUBJETIVIDADE E INVERSIBILIDADE: MOVIMENTOS DO TEÓRICO AO METODOLÓGICO PARA A ABORDAGEM DE TEXTOS NA UNIVERSIDADE

Os apontamentos teóricos da seção anterior permitem afirmar que a inversibilidade enunciativa instaura-se, sem dúvida, como condição de mudança de posição na linguagem. Se, por um lado, a alternância de *eu* e *tu* é inerente ao ato de enunciar – como afirma Benveniste (2005: 286), “eu não emprego eu a não ser dirigindo-me a alguém, que será na minha alocução um *tu*” e este inverte-se em *eu* -,

por outro lado, há “algo” na maneira como se dá essa alternância que parece possibilitar uma ressignificação nos modos como o locutor enuncia, situando a si e ao outro no discurso.

É nesse ponto que incide a questão que propusemos, a qual requer pensar de que maneira *a inversibilidade enunciativa apresenta-se como condição de mudanças de posição na linguagem de discentes no contexto de ensino-aprendizagem de leitura e escrita na Universidade*.

A partir de uma concepção enunciativa de língua, que comporta *forma e sentido* em relação no sistema e no uso desse sistema, compreendemos que a leitura e a escrita se configuram como atos de enunciação por meio dos quais o aluno se torna locutor ao converter a língua em texto, seja falado seja escrito, pela necessidade de referir e para implantar um alocutário, o qual se torna um leitor-locutor ou um ouvinte-locutor (no caso da leitura em voz alta) em um movimento de inversibilidade.

Compreendemos que é por meio da transição de princípio teórico para princípio metodológico que podemos visualizar essa inversibilidade em ação na sala de aula. Quanto a tal transição, cabe ressaltar que se trata não de uma aplicação da reflexão teórica para atividades da sala de aula universitária, mas sim de um deslocamento de um princípio teórico para um princípio metodológico.

O termo “deslocamento”, conforme já anunciado na Introdução, é chave para a operacionalização da inversibilidade como princípio metodológico. Esse termo, conforme constata Knack (2020), é amplamente utilizado em pesquisas prospectivas que tomam Benveniste como base teórica para o tratamento de diferentes objetos: aquisição de língua materna e estrangeira/adicional, ensino-aprendizagem de língua materna e estrangeira/adicional etc. Nesses trabalhos, o termo está associado a um “empreendimento singular de ressignificação dos fundamentos benvenistianos sob a responsabilidade do leitor-pesquisador” (Knack 2020: 146), ou seja, cada pesquisador lê os textos de Benveniste e, sob os “efeitos de leitura” desses textos, transita dos princípios identificados para a elaboração de uma perspectiva própria para a abordagem de algum fenômeno.

No nosso estudo, estamos propondo o deslocamento do *princípio teórico de intersubjetividade*, que pressupõe a *inversibilidade enunciativa*, para um princípio

metodológico, qual seja: a inversibilidade enunciativa como fundamental para o ensino-aprendizagem de leitura e escrita na Universidade.

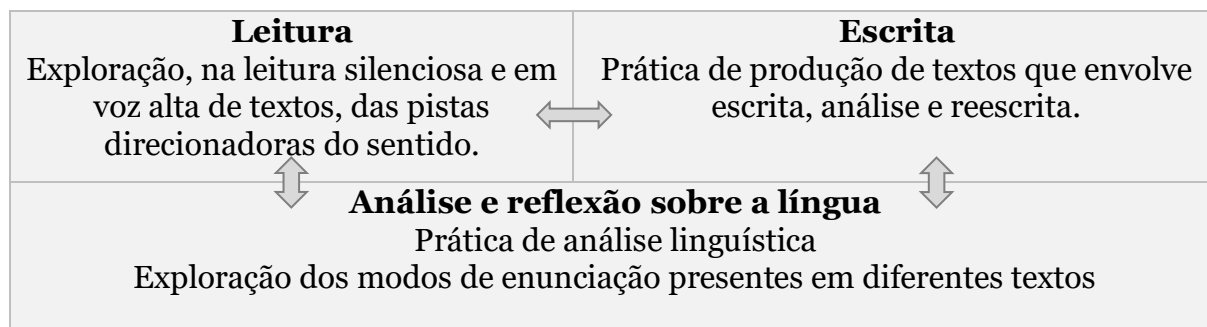
De que modo, então, a inversibilidade enunciativa opera na abordagem de textos em sala de aula? Consideramos que, enquanto princípio metodológico, a inversibilidade enunciativa situa, sob a condição de diálogo, as atividades em torno do texto: ora o discente situa-se como eu-escrevente em direção a um tu-leitor; ora como um eu-leitor em direção a um tu – anteriormente um eu inscrito no texto escrito; ora um eu-falante em direção a um tu-ouvinte; ora um eu-ouvinte em direção a um tu – anteriormente eu inscrito no texto falado .⁴

Essa alternância requer, no contexto de sala de aula, a proposição de atividades que situem as ações de leitura e escrita como vinculadas à realidade humana de diálogo e que promovam um movimento reflexivo que permita ao discente (re)significar os modos como ocupa essas posições na linguagem.

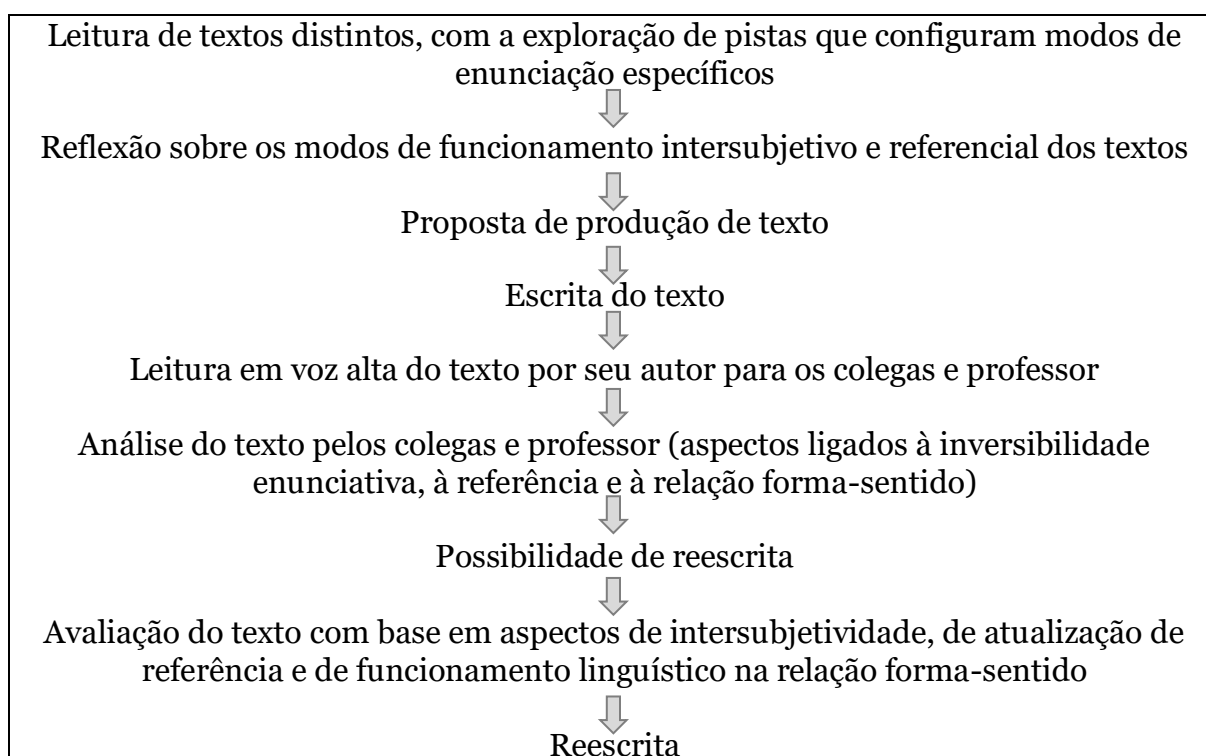
Assim, a abordagem de textos em sala de aula, orientada pelo princípio geral *uso → reflexão → uso*, presente em diversos documentos nacionais a respeito do ensino de Língua Portuguesa, gera um movimento metodológico, de acordo com Silva e Nunes (2013), pautado por *ação → reflexão → ação*. Esse movimento metodológico atualiza-se em um trabalho que considera os usos da língua e as habilidades ligadas a esses usos como relacionadas à reflexão sobre o funcionamento da língua em atividades de leitura, escrita, leitura em voz alta⁵ e reescrita de textos, conforme ilustra o quadro 1.

⁴ Estamos considerando, em uma acepção enunciativa benvenistiana de língua em emprego, neste artigo, a enunciação falada e a enunciação escrita. Nessa linha, adotamos, como protagonistas da enunciação em condição de inversibilidade, os seguintes parceiros: o falante, o escrevente, o ouvinte e o leitor. A cada ato de enunciação, quem vocaliza ou quem escreve, por meio de uma língua, declara-se como “eu” e implanta o outro como “tu”. Esse “tu” pode assumir a posição de “eu” como ouvinte ou leitor e manter a continuidade discursiva em novas materialidades enunciativas em uma estrutura de diálogo, visto que “duas figuras na posição de parceiros são alternativamente protagonistas da enunciação” (Benveniste 2006: 87). Para o linguista, inclusive, este “quadro é dado necessariamente com a definição de enunciação” (Benveniste 2006: 87).

⁵ A leitura em voz alta do texto na sala de aula inspira-se na proposta desenvolvida por Guedes (2009): o aluno é convocado a produzir um texto escrito e, posteriormente, a lê-lo em voz alta na sala de aula, materializando em ouvinte o leitor pressuposto quando da escritura.

**Quadro 1:** sistematização das atividades

Inspiradas nos quadros elaborados por Silva e Nunes (2013) para tratar de proposta para o desenvolvimento das habilidades de leitura e escrita no ensino superior, consideramos que o trabalho em sala de aula, organizado sob o princípio metodológico da inversibilidade enunciativa, pode apresentar uma sequência, conforme ilustramos a seguir:

**Quadro 2:** Sequência de atividades

Esses quadros ilustram que a inversibilidade enunciativa é estruturante de todas as atividades de leitura, escrita e reescrita em sala de aula. Em cada uma dessas

atividades, o locutor “implanta o outro diante de si, qualquer que seja o grau de presença que ele atribua a este *outro*” (Benveniste 2006: 84) e com este *outro* inverte de posição: o discente é ora locutor, ora alocutário; também o professor é ora locutor, ora alocutário; cada discente em relação aos colegas é ora locutor, ora alocutário.

Se toda enunciação é, como afirma Benveniste (2006), explícita ou implicitamente, uma alocação por postular um alocutário, entendemos que cabe, no contexto pedagógico, refletir a respeito dessa natureza interlocutiva, o que conduz a explorar como *eu* e *tu* ocupam uma posição na linguagem a partir da inversibilidade que os constitui.

Assim, a partir dos movimentos de inversibilidade enunciativa constitutivos de diferentes atividades, cada discente se depara com distintos modos de enunciação, situa-se em relação a outros alocutários e em relação à sociedade: “a língua, com efeito, é considerada aqui enquanto prática humana, ela revela o uso particular que os grupos [...] fazem da língua” (Benveniste 2006: 102).

Nessas atividades de leitura, escuta, escrita, reescrita e análise – enunciativa, discursiva e linguística – a língua está em exercício e os estudantes vivem essa língua enquanto prática social em relações inter-humanas de comunicação. Nesse caso, o ensino-aprendizagem de língua faz do espaço de sala de aula uma das realidades humanas de convívio da linguagem, pois, parafraseando Benveniste (2005: 65) de que “Falamos com outros que falam”, afirmamos que “escutamos com outros que escutam”, “lemos com outros que leem” e “escrevemos com outros que escrevem”. É nessas relações com outros em exercícios partilhados de uso da língua que a condição humana de diálogo se torna o pilar fundamental para cada um ocupar uma posição da linguagem.

Por isso, nas atividades, constituídas pela inversibilidade enunciativa, pensamos que cabe ao professor reservar lugares para que a inversibilidade inerente a tais atos enunciativos de leitura, escrita, leitura em voz alta e reescrita passe a ser também objeto de reflexão, de modo a possibilitar mudanças nas relações do discente com a língua, com os parceiros de alocação e, conseqüentemente, com sua posição na linguagem. Isso porque os discentes, ao inverterem as posições de *eu* e *tu*, vão conviver com a condição de diálogo da linguagem humana em novos contextos de emprego da língua.

Com efeito, nosso deslocamento envolve descartarmos uma visão espontaneísta relacionada a uma metodologia centrada no texto como produto para uma metodologia com ênfase no processo, porque centrada na inversibilidade enunciativa relacionada à ocupação, dos participantes da sala de aula, de distintos lugares: ora de quem fala, ora de quem escuta, ora de quem escreve e ora de quem lê. A docência, nesse caso, torna-se o lugar de convocação para o discente ir ocupando esses lugares e de mediação por meio de reflexões enunciativo-discursivas do que está implicado nos modos de enunciação em cada um desses lugares ocupados.

3. CONCLUSÃO

Este artigo, a partir das reflexões de Émile Benveniste sobre *condição de diálogo, reciprocidade e polaridade de pessoas no discurso*, buscou tratar do *princípio de intersubjetividade* como atrelado à ideia de *inversibilidade enunciativa*. Essa reflexão foi base para o deslocamento desse princípio para a reflexão metodológica sobre abordagem de textos no contexto de ensino-aprendizagem de leitura e escrita na Universidade.

Assim, procuramos responder à seguinte: *de que modo a inversibilidade enunciativa apresenta-se como condição de mudanças de posição na linguagem de discentes no contexto de ensino-aprendizagem de leitura e escrita na Universidade?*

A resposta à questão envolve considerar a *inversibilidade enunciativa* como estruturante de todas as atividades de leitura, escrita e reescrita em sala de aula. Nessas atividades, discentes e docentes invertem-se nos lugares de fala, escuta, leitura e escrita e, com isso, alternam-se da posição de locutor para alocutário e de alocutário para locutor. *Eu* e *tu* deixam de ser apenas formas para serem posições na linguagem e a língua deixa de ser instrumento para produzir e ler textos para se tornar uma prática humana em que cada participante se situa em sua enunciação em relação à enunciação de outros.

REFERÊNCIAS

BENVENISTE, Émile. *Problemas de linguística geral I*. Tradução de Maria da Glória Novak e Maria Luisa Neri; revisão do Prof. Isaac Nicolau Salum. 5. ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2005.

BENVENISTE, Émile. *Problemas de linguística geral II*. Revisão técnica e tradução de Eduardo Guimarães. 2. ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2006.

GUEDES, Paulo Coimbra. *Da redação à produção textual: o ensino da escrita*. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

KNACK, Carolina. De Benveniste às pesquisas prospectivas: a noção de deslocamento e seu valor teórico-metodológico. In: OLIVEIRA, Giovane F.; ARESI, Fábio. *O universo benvenistiano: enunciação, sociedade, semiologia*. SP: Editora Pimenta Cultural, 2020.

SILVA, Carmem Luci da Costa; NUNES, Paula Ávila. Cursos organizados por módulos: uma proposta para o desenvolvimento das habilidades de leitura e escrita em nível superior. *Revista Desenredo*, v. 9, n. 1, 2013.

Artigo recebido em 05 de dezembro de 2022.
Artigo aceito para publicação em 06 de março de 2023.